

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL CIDADES POSSÍVEIS E IMPOSSÍVEIS: VISÕES DA MUDANÇA

Realização conjunta dos Projectos de Investigação FILOSOFIA E ARQUITECTURA DA PAISAGEM (CFUL e CEAP) e ARQUITECTURAS DO MAR (CIAUD/ FAUTL), o Seminário Internacional *Cidades Possíveis e Impossíveis: Visões da Mudança* decorreu na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, em 19 de Janeiro de 2012. A organização coube ao Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL), ao Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral” (CEAP) – Instituto Superior de Agronomia e ao Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitectura (CIAUD).

O Seminário teve como ponto de partida o entendimento do paradigma vigente da Cidade e a tentativa de estabelecer um novo paradigma que retome as preocupações que a arquitectura vernacular e fenomenológica havia já problematizado, e que com a industrialização das Cidades e a alteração do comportamento psico-cognitivo passaram a ser impedimento ao desenvolvimento (ilusório).

Com a rápida industrialização das Cidades e a ideia de concentrarem em si oportunidades com que a ruralidade não poderia concorrer, o desenvolvimento veloz e irracional levou a uma perda do valor simbólico e histórico do património, tanto urbano como natural, dessas mesmas Cidades, através das áreas suburbanas a que deram origem. Isto levou a um desleixo tanto dos habitantes quanto dos técnicos camarários e das instâncias políticas que possibilitaram o desbravamento aleatório de território, betonando todo o solo disponível e deixando para trás a preocupação de uma integração híbrida com a Natureza e sua paisagem.

Um seminário sobre Cidade, em sentido lato, reuniria apenas especialistas nas áreas dos interventores do território: arquitectos, urbanistas, arquitectos paisagistas e geógrafos, mas como o título *Cidades Possíveis e Impossíveis: Visões da Mudança* indica estiveram também presentes especialistas de áreas como a filosofia, a antropologia e a psicologia, que talvez sejam mais importantes para a compreensão da perda dos valores que a Cidade Social foi construindo e que em tempos de crise económica passaram a ver a luz do dia. O Seminário teve a tarefa árdua de entender a

nossa contemporaneidade, propondo uma nova leitura e abordagem para uma maior sustentabilidade conceptual e projectual, partindo das possibilidades e impossibilidades que uma visão da mudança trará.

A velocidade que caracteriza a nossa época, o anestesiamiento estético (Neil Leach), leva a uma fruição supérflua e esquizofrénica dos usos de uma dada zona urbanizada ou natural, tenha ela valor patrimonial ou não. Tomemos como exemplo paradigmático o Bairro da Luz (“Cracolândia”) – em pleno centro histórico da cidade de São Paulo – que a psicóloga social Sandra Maria Patrício Vichiatti tomou como exemplo da perda de enraizamento dos valores humanos que a Cidade social da imagem e do espectáculo tornaram possível (*Ethos, Psiquê & Paisagem em São Paulo, Brasil*). Segundo Sandra Vichiatti, a vivência do Bairro da Luz pode ser entendida através do filme *Matrix*, sendo que em ambos a artificialidade mantém a vida acordada, o ser humano perde a noção da realidade tal como nas personagens de *O Mundo no Arame* de Fassbinder, transformando não-lugares (Marc Augé) em lugares de vivência e permanência, fazendo com que o deserto no Dubai tenha um campo com neve artificial ou que, em Portugal, Mangualde tenha a primeira praia artificial – com areia e ondas do mar –, ou seja, o simulacro passe a ser o lugar de um ilusório enraizamento com o espaço que se quer lugar.

A virtualidade das vivências nas cidades e das próprias relações humanas, bem como o afastamento da paisagem criaram a ideia da existência lúdica da felicidade, recebendo com agrado todas as inovações que afastem o sofrimento. Pensando no plano da possibilidade (*Pensar o Possível*), quebrou-se a ideia de que a impossibilidade se possa tornar em possibilidade, tendo o Professor José Gorjão Jorge chamado a atenção para o facto de nas cidades cenográficas, onde a noção de temporalidade se torna artificial, ainda não termos verdadeiramente compreendido que vivemos no impossível: no concebível.

Esta virtualidade da técnica e das novas ferramentas de informação e comunicação transformou a noção de tempo em pura funcionalidade do espaço; a perda hierárquica dos valores levou à banalização do conformismo individual, com a incapacidade de pensar a cidade como um organismo colectivo, transformando-a, pelo contrário, numa vivência estéril cortada do cordão umbilical com a terra-mãe. Segundo a Professora Adriana Veríssimo Serrão (*Habitar Cidades sem Paisagem?*), o distanciamento progressivo do tempo histórico (da cidade) e natural (da paisagem) priva o ser humano da dimensão da temporalidade, reduzindo-o à espacialização. Teremos de (re)aprender a viver na Natureza e não da Natureza, para nos voltarmos a ligar aos valores orgânicos – simbólicos, históricos e existenciais.

A técnica transformou as cidades em redes. O geógrafo Álvaro Cidrais – fascinado pelas novas tecnologias – faz a apologia da Cidade

Hipertexto (*Brincamos ao “Toca e Foge” com a Malandra da Cidade*). De facto, com a alteração das relações interpessoais, a forma como a vivemos alterna entre a existente e a virtual – como na utopia do poeta Fernando Pessoa de que o homem pode “gozar o espectáculo inteiro do mundo numa cadeira” ou do arquitecto Le Corbusier com as *Unités d’Habitation*: o que parecia impossível torna-se cada vez mais uma realidade possível. Mas numa sociedade que produz uma Cidade Hipertexto, a dependência da tecnologia da informação e da comunicação (T.I.C.) acentua a unidimensionalidade do homem (Herbert Marcuse) na sua atitude com o que o envolve, transforma as relações com o outro e converte a paisagem num “autismo” que não aceita a dicotomia felicidade/sofrimento, não/sim, agradável/mau, etc, tornando tudo possível. A anestesia estética passaria a ser o modo de vida.

A *visão da mudança* passa por uma maior sustentabilidade das cidades e pela diminuição da virtualidade e artificialidade do território, por uma aproximação à Natureza que, segundo a arquitecta Ana Cristina Lourenço (*Cidade e Urbanização: Coesão e Fragmentos*) e a arquitecta paisagista Manuela Raposo Magalhães (*Cidade, Campo e Sustentabilidade*) tem de ser repensada através das aptidões ecológicas de cada território. A harmonização de Cidade e Campo, com a salvaguarda das respectivas diferenças, esteve também presente nas comunicações de Júlia Carolino (*Qualificação do bairro da Cova da Moura a partir da paisagem como ferramenta conceptual*), Isabel Raposo (*Cidade informal, a cidade possível?*) e Isabel Sousa Rosa (*Turismo(s) Globalizado(s)*).

Da filosofia à arquitectura, passando pela antropologia e a psicologia social, as diversas intervenções concordaram em entender a Cidade não como paisagem, mas em interacção com a Paisagem, o que deverá passar pela implementação no desenho urbano das *cidades biofilicas* (Timothy Beatley), integrando a Natureza e restituindo-lhe o seu lugar.

Maribel Sobreira  
(Arquitecta, Mestranda em Filosofia na FLUL)